

GRUPO I

A

1. A resposta deve contemplar os aspectos que a seguir se enunciam, ou outros considerados relevantes:

- viagem de regresso dos navegadores a Lisboa, com um estado do tempo favorável;
- entrega ao Rei dos triunfos alcançados, para glória régia e da Pátria.

Exemplo de resposta:

A estrofe 144 apresenta de forma resumida o regresso a Portugal da armada de Vasco da Gama, depois da conclusão da sua missão. A navegação rumo ao *“terreno / Em que nasceram, sempre desejado”* é efectuada sob condições climatéricas propícias: *“Assi foram cortando o mar sereno, / Com vento sempre manso e nunca irado”*. É referida também a chegada a Lisboa: *“Entraram pela foz do Tejo ameno,”* e a oferenda ao Rei *“temido e amado”* e à própria Pátria dos triunfos conquistados através do cumprimento da missão régia: *“E à sua pátria e Rei temido e amado / O prémio e glória dão por que mandou”*.

2. A resposta deve contemplar os aspectos que a seguir se enunciam, ou outros considerados relevantes.

- Justificação da interpelação:
 - o Rei, que o é por desígnio divino, deve reconhecer o valor dos seus súbditos, como se verificou no passado, reúnem qualidades para o fazerem «vencedor», isto é, para reacenderem na Pátria o orgulho e a coragem.
- Relacionar com o sentido das estâncias 145 a 148:
 - constatação de um estado geral de desânimo e de abulia da Pátria – bem como de um aviltamento de valores – incapacitante de uma atitude colectiva, energética e optimista;
 - afirmação da excelência dos heróis valorosos cantados pelo poeta, por oposição à inércia e à indignidade dos seus contemporâneos.

Exemplo de resposta:

No entender do poeta, a pátria atingiu um estado de degradação, de inércia, desânimo e de abulia, deste modo, o poeta lamenta o seu estado: “(...) a pátria (...) que está metida / No gosto da cobiça e na rudeza/ Dũa austera, apagada e vil tristeza.” (Est. 145) Porém, apesar desta conjuntura, o sujeito poético compreende que os lusitanos encerram valor suficiente para, a mando do Rei e sob o seu estímulo, engrandecerem o seu nome. Estes “vassalos excelentes” são capazes de, “só com saber que são de vós olhados”, tudo enfrentar e transformar o Rei num vencedor. É neste sentido que o poeta interpela o Rei, uma vez que deverá reconhecer o valor intrínseco dos seus súbditos, que são capazes de alterar a situação de degradação e de apatia colectiva, verificável no presente.

3. A resposta deve contemplar um dos aspectos que a seguir se enunciam, ou outro considerado relevante.

• A enumeração presente na estância 147 tem como efeito expressivo:

- destacar, enfaticamente, a superior qualidade dos vassalos do Rei, que tudo conseguem suportar e ultrapassar (fomes, guerras, condições climáticas adversas, confrontos religiosos, naufrágios, ...);
- salientar os inúmeros perigos, na guerra e no mar, da aventura longínqua dos Descobrimentos.

Exemplo de resposta:

A enumeração presente na estância 147 possibilita identificar diversos perigos que os lusitanos têm de enfrentar para poderem cumprir as suas missões, deparando-se: “ (...) a fomes e vigias, / A ferro, a fogo, a setas e pelouros, / A quentes regiões, a plagas frias, / A golpes de Idólatras e de Mouros, / A perigos incógnitos do mundo, / A naufrágios, a pexes, ao profundo”. O facto de o poeta ter optado por uma sequência enumerativa, salientando de forma clara, por vezes metafórica, os perigos associados às viagens, torna possível referir este conjunto amplo de obstáculos verosímeis, o que enfatiza o espírito de sacrifício e a coragem dos súbditos de el-rei, capazes de tudo suportar de forma a cumprir as suas missões.

4. A resposta deve contemplar dois dos aspectos que a seguir se enunciam, ou outros considerados relevantes.

• Sentimentos do poeta:

- desânimo, desalento, desencanto («Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho / Destemperada e a voz enrouquecida» - vv. 9-10).

- estupefacção, perplexidade (« E não sei por que influxo de Destino / Não tem um ledo orgulho e geral gosto, / Que os ânimos levanta de contino / A ter pera trabalhos ledo o rosto.» - vv. 17-20).

- exaltação da energia criadora, da valentia (estâncias 147-148).

• Motivos:

-a insensibilidade dos seus contemporâneos em reconhecerem o trabalho e o mérito do poeta («ver que venho / Cantar a gente surda e endurecida.» - vv. 12-12);

- o aviltamento dos valores que o poeta considera essenciais (« No gosto da cobiça e na rudeza / Dũa austera, apagada e vil tristeza.» - vv. 15-16);

- a ausência, nos seus contemporâneos, de força anímica colectiva, comparável à dos «vassalos excelentes»;

- o conforto das atitudes dos seus contemporâneos («gente surda e endurecida» que vive «No gosto da cobiça e na rudeza / Dũa austera, apagada e vil tristeza» - vv. 12, 15-16) com a bravura e a lealdade reveladas pelos Portugueses, num passado ainda recente.

Exemplo de resposta:

O poeta lamenta o estado de degradação a que a Pátria chegou, mostrando desânimo, visível na desistência que comunica em relação à sua missão de elaboração da epopeia: *“Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho / Destemperada e a voz enrouquecida.”* Porém, este desânimo é associado ao orgulho que o sujeito poético manifesta em relação à ousadia intrínseca e a valentia do povo português, que marcaram as suas atitudes ao longo da História e que promoveram a valorização da Pátria, composta *“ (...) só de vassalos excelentes”*. Assim, o poeta evidencia alguma perplexidade relativamente à apatia generalizada dos súbditos da nação lusitana: *“E não sei por que influxo de Destino / Não tem um ledo orgulho e geral gosto, / Que os ânimos levanta de contino / A ter pera trabalhos ledo o rosto.”* e também tristeza pelo facto de o seu canto de louvor encontrar *“gente surda e endurecida”*, insensível ao elogio que tece no seu poema ao povo lusitano e incapaz de reconhecer, mérito à epopeia e à gesta lusa.

B

A resposta pode contemplar, entre outros, os seguintes aspectos considerados relevantes e adequados:

- Dotada de poderes sobrenaturais a capacidade extraordinária de vidência (no interior dos corpos e debaixo da terra) – Blimunda participa na concretização do sonho de voar:
 - inspeccionando os materiais de construção da passarola;
 - recolhendo as duas mil vontades com as quais se encherão as esferas que farão voar a máquina.

Exemplo de resposta:

Em *Memorial do Convento*, Blimunda é uma personagem relevante, imprescindível para a construção do sonho de voar, partilhado com Baltasar e com o padre Bartolomeu. São três personagens que conjugam esforços com o intuito de erigirem a Passarola: o Baltasar é o construtor, o padre o inventor e Blimunda a responsável pela junção do elemento que é fundamental para o voo. Blimunda, a pedido de Bartolomeu, recolhe as duas mil vontades humanas fundamentais para elevar a Passarola, pois quando em jejum, consegue observar através do interior dos homens e recolher-lhes a vontade. É Blimunda que, também, servindo-se deste seu dom, verifica se os materiais usados na construção têm defeitos indetectáveis ao olhar humano. Deste modo, sem o poder sobrenatural de Blimunda a Passarola não voaria.

Grupo II

1. (C)
2. (B)
3. (C)
4. (B)
5. (C)
6. (B)
7. (A)
8. (a) (6); (b) (8); (c) (4); (d) (2); (e) (7)

Grupo III

Dada a natureza deste item, de resposta aberta extensa, não é apresentado cenário de resposta.

Exemplo de resposta:

Qualquer viagem empreendida pelo ser humano, exigindo o afastamento da área de aconchego e daquilo que é conhecido e diário, contribui para o enriquecimento do conhecimento de si e do outro.

Assim, o homem ao dispensar as trivialidades do seu quotidiano, pode ser confrontado com dúvidas sobre as suas verdadeiras capacidades, podendo ser obrigado a ultrapassar obstáculos inesperados, ou deparar-se com a surpresa de descobrir que está a viver a vida errada no lugar errado, pois o mundo é mais amplo do que o casulo da segurança do lar e proporciona muito mais do que a rotina e o conformismo. Um bom exemplo disto podem ser as palavras de Sophia de Mello Breyner que encontrou o encanto “inteiro e puro” e a liberdade plena na Grécia, aos quais não acederia de outro modo e sem os quais se ficaria a conhecer menos.

De outro modo, é sabido que a viagem permite o conhecimento do outro. Na verdade, ao percorrermos pelo mundo, torna-se inevitável o contacto com outras civilizações, outras religiões, outras línguas, outras culturas e outras identidades... ao viajarmos nos tornamos receptivos em relação ao desconhecido, provocando uma maior tolerância em relação à diferença, o que permite ter acesso ao conhecimento do outro. Basta ponderar uma hipotética viagem a um país com hábitos culturais totalmente diferentes do nosso, por exemplo, a Índia, para se entender a possibilidade de descoberta do outro naquilo que o distingue de nós e do nosso dia-a-dia.

Concluindo, o afastamento das rotinas do nosso quotidiano através da viagem possibilita que nos tornemos mais conscientes em relação àquilo que realmente somos e também estimula o conhecimento do outro, favorecendo o contacto com a diferença.